

DISCURSO ✓
ENCOMIASTICO

DO SAGRADO BENJAMIN DE CHRISTO,
& Filho Adoptivo da mesma Mãe de Deos,

O GRANDE EVANGELISTA
S. JOAM,
FUNDADO 5

EM DUAS MYSTERIOSAS EMPRESAS,
*em que se decifraõ as incomparaveis excellencias da sua
vida, & as admiraveis prerogativas do seu
martyrio.*

EXPOSTO

No Convento das Chagas da Cidade de Lamego,

Pelo P. FRANCISCO DE SANTO THOMAS,
Comigo da Congregação do mesmo Evangelista.

OFFERECIDO

AO ILL^{mo}. & REVER^{mo}. SENHOR

D. DIOGO DA ANNUNCIAC, AM
JUSTINIANO,

Arcebispo de Cranganor, do Concelho de Sua Magestade.

46

DISCURSO
NOMIASITICO

O SAGRADO BENJAMIN DE CRISTO,
& Filho Adoptivo da mesma Mãe de Deus

O GRANDE EVANGELISTA

J. O. M.

FUNDADO

DUAS MISTÉRIOSAS EMPRESAS,
em que se hecristão as incomparaveis excellencias da sua
vida, & as admiraveis prerogativas do seu

março.

EXPOSTO

No Convento das Chagas da Cidade de Lamego,

P. FRANCISCO DE SANTO THOMAS,
Comgo da Congregação do mesmo Evangelista.

OFFERCIDO

AO ILL.^{mo} & REVER.^{mo} SENHOR

DIOGO DA ANNUNCIAC,AM

JUSTIANO,

Recebiſſe de V. Mageſtade, do Conselho de Sua Mageſtade.



ILL^{mo}. E REVER^{mo}. SENHOR.



OM reverentes cultos, & superficio-
sos ritos costumava a cega Gentilidade
tributar a seus fabulosos deoses todas
as primicias do seu trabalho, para se-
gurar o acerto das suas empresas; a
Pallas, que era incontrastavel asylo

nos sanguinolentos conflictos de hũa porfiada guerra, Joan. Boca-
cuis lib. 5.
gen. Deor.
tributava os primeyros estendartes que ganhava nas
campanhas; a Ceres, que era especial protectora nas Diod. Sic.
lib. 4.
ordinarias fadigas da agricultura; offertava os pri-
meyros fruttos que colhia dos seus campos; a Miner-
va finalmente, que era mysterioso oraculo das scien-
cias, consagrava todas as primicias dos seus estudos;
& seguindo eu agora o mesmo estylo, bem que sem a
nota de superstiçaõ, & idolatria, fundado na mesma
esperança de segurar com taõ soberano patrocínio o
acerto desta empresa, tributo, offereço, & consagro aos
pés de Vossa Illustrissima este Discurso Encomiastico
do nosso Evangelista; tributo como a Pallas, os pri-
meyros estendartes da milicia espirital; offereço como
a Ceres, os primeyros fruttos da sementeyra Evange-

47
lica ; consagro como a Minerva, as primicias dos meus estudos, pois admira o Mundo em Vossa Illustrissima, como lá admirou a Antiguidade no fingido simulacro de Minerva, hum verdadeyro Oraculo das sciencias ; este glorioso nome, ou este preclaro titulo tem Vossa Illustrissima gloriosamente adquirido lá desse Oriente em que o Sol nasce alegria das esferas, até este Occidente aonde morre lastima dos horizontes ; porque em hũa, E' outra parte, tanto no Oriente, como no Occidente, remontou Vossa Illustrissima os voos da sua Fama, nos movimentos da sua penna ; no Oriente nas Cartas Pastoraes tão cheas de sciencia, como de doutrina verdadeyramente Apostolica ; no Occidente, nos repetidos Sermões recitados em diferentes solennidades, tão fecundos de erudição Evangelica, que sendo admirados dos mais entendidos, grangearaõ venturosamente os mayores créditos no commum applauso ; diga-o a Universidade de Coimbra, aonde Vossa Illustrissima com tanto lustre da sua Pessoa, como gloria desta Congregação, foy na predica venerado por Oraculo, sendo cada hum dos Sermões que lá pré-gou hum efficaz despertador da sua fama ; testemunhe-o Lisboa, aonde Vossa Illustrissima tem adquirido nos pulpitos tanta estimação, que vulgarmente o reconhecem todos por assombro ; que não he pequena felicidade ter Vossa Illustrissima na sua patria tanta estimação, quando esta só

89
a consegue o merecimento fóra da patria ; mas
como Vossa Illustrissima em tudo he singular ,
que muyto , que nas estimações da sua patria se-
ja excepção de toda a regra ? Affirme-o final-
mente Italia , E dirá sem duvida , que sen-
do Vossa Illustrissima na Curia estrangeyro , fo-
ra em Roma peregrino , que taõ alto conceyto
formou Italia de Vossa Illustrissima ; mas que
muyto fosse o conceyto taõ eminente , se dos E-
minentissimos Cardeaes foy o conceyto , quando
admiraraõ a sua eloquencia no Vaticano naquel-
le admiravel Sermaõ das Cadeas de S. Pedro,
em que Vossa Illustrissima com subtileza rara ,
E discreta combinaçaõ , fez das cadeas chaves,
E das chaves cadeas ; naõ falo já nos repetidos
pareceres , que fez Vossa Illustrissima em materias
muyto relevantes , com que acreditou nos Tribu-
naes o grande conceyto que os Ministros tinhaõ das
suas letras ; E por estes , E outros muytos ti-
tulos que calo por naõ offender a modestia de Vos-
sa Illustrissima , tributo aos seus pés , como victi-
mas de hum grato obsequio , estes primeyros frut-
tos dos meus estudos , E espero da benignidade de
Vossa Illustrissima , faça aceytaçaõ desta limitada
offerta , para que debayxo de taõ illustre protecçaõ ,
participem todas aquellas prerogativas que tinhaõ
as primicias que antiguamente se offertavaõ ao

90
Templo de Ceres. Deos guarde a Vossa Illustrissima para exemplar de Religiosos, & modelo de Prelados.

De vossa Illustrissima,

Subdito o mais affectuoso,

FRANCISCO DE SANTO THOMAS.

PRIMEYRA
EMPRESA

DAS DUAS COLUMNAS, QUE
o invencivel Hercules levantou
no Promontorio de Cadiz.

*Em que se descrevem duas incomparaveis excellencias
que o*

EVANGELISTA

Mimoso logrou no discurso da sua vida.

EXPOSTA

*No dia de 27. de Dezembro, em que se celebra
a sua Festa.*



LISBOA
POR MANOEL LOPES FERREYRA,

M. D. C. C. I.

Com todas as licenças necessarias.

PRIMEIRA
EMPREZA
DAS DUAS COLUNAS, QUE
o inventivel Hercules levantou
no Promontorio de Cadix.
Em que se descrevem duas incomparaveis excellencias
que o

EVANGELISTA
Mimolo logrou no discurso da sua vida.
EXPOSTA

No dia de 27. de Dezembro, em que se celebra
a sua Festa.



LISBOA.
POR MANOEL LOPES FERREIRA.

M. D. C. C. I.
Com todas as licenças necessarias.

73
1.309



HIC EST DISCIPULUS ILLE. Joa. 21.



AS obscuras sombras de mysteriosos enigmas delineavão os Antigos os successos mais notaveis, & os mysterios mais inacessiveis; assim o lemos nas letras Divinas, & nas Historias humanas. Vamos às letras Divinas. Lá quiz o Patriarca Jacob representar o ineffavel mysterio da Encarnação, & valeo-se do

mysterioso emblema de hũa vistosa escada, que lançada do Ceo à terra significava o commercio da natureza Divina com a Humana: *Vidit Jacob scalam, summitas ejus celos tangebat.* O Profeta Isaías querendo descrever o Nascimento de Christo, pintou hũa Vara, que escaçamente brotando da raiz de Jessé, sem ainda estar animada em tronco, dilatada em folhas, & copada em ramos, arrojava de hum verde claustro a bella flor: *Egredietur virga de radice Jesse, & flos de radice ejus ascendit.* David para referir a lastimosa tragedia da sagrada Payxaõ do Filho de Deos, recorreo à metaphora do mar, quando conspirados os ventos contra as ondas, admirasse o fragil baxel como despojo da tormenta, jã collocarse nas esféras estrella entre os astros, jã sepuitar-se nos abyssos concha entre as areas: *Veni in altitudinem maris, & tempestas demersit me.*

Gen. 28.

Isai. 11.

Psal. 68.

Moyfes para expor à nossa commiseração ao Redemptor do Mundo crucificado no Calvario, tomou por empresa hũa Serpente levåtada no deserto: *Fecit ergo Moyses serpentem aneum.* O Evangelista mimoso para encarecer o magnifico triũso de Christo no dia de sua Resurreyção gloriosa, delineou

Num. 21

J.
 hum mageſtoſo Leão, que não só tinha a ſeus pés os deſpojos da batalha, mas ainda tinha na mão a palma de vencedor: *V. cit Leo.* Ezequiel finalmente, para retratar aquelles quatro Croniſtas Evangelicos, que compondo das ſuas pennas dilatadas azas, abrangirão com ſeus voos, não só a circunferencia da terra, mas ainda todo eſſe ambito do Ceo, copiou o emblema de quatro animaes, que puxavão por hũa myſterioſa carroça, em que ſe representava a gloria de Deos: *Et in medio ejus ſimilitudo quatuor animalium.* Até aqui as letras Divinas, paſſemos agora às Hiftorias humanas.

Ezec. I.

Em hum rutilante Sol ſymbolizãrão os Antigos a contemplação, em hum jugo a paciencia, em hũa cithara a Religião, em hũa ancora a Fé, em hũa columna a eſperança, em hũa pomba a caridade, em hũa serpente a prudencia, em hũa balança a juſtiça, & em hum leão a fortaleſa; em concluſão, até nas quimericas idéas dos Gentios eſtão debuxadas muytas verdades, que nos enſina a meſma Fé; como em Deucalião, & Pyrrha a propagação do Univerſo depois do Diluvio; nos campos Elyſios as incomparaveis delicias deſſa ceſtial Jeruſalem; no lago Eſtigio eſte tenebroſo carcere, aonde padecem os reprobos; em fim no temerario arrojo com que os Gigantes ſe oppuſerão contra Jupiter, fabricando fortaleſas inexpugnaveis dos montes mais eminentes, a culpavel ſoberba dos habitadores de Senar, na conſtrucção da famosa torre de Babel; eis aqui como os Antigos debayxo de obscuras metaforas, & de myſterioſos enigmas, deſcrevião os ſucceſſos mais notaveis, & os myſterios mais inacceſſiveis.

Humaniſta paſſim.

D. Juſt.

Mart. in apolog.

D. Aug.

lib. 7. de

Civitat.

Dei, cap.

29.

E ſeguindo eu hoje o meſmo eſtylo, intento examinar duas relevantes prerogativas do meu grande Evangelista, naquella celebrada empreſa que nos deyxou o invenſivel Hercules no Promontorio de Cadiz, para immortal memoria das ſuas conquiſtas; & ſoy o caſo, que naquelles dous ſoberbos montes, que ſituados nos confins da Iberia dividem a Africa da Europa, levantou o valeroſo Hercules duas eminentes columnas, perpetuos padrões de ſuas heroicas proeſas, & nellas gravou hum

Textor in Officina.

hum diffico que dizia: *Non plus ultra*, querendo sem duvida mostrar, que tinha chegado seu intrepido valor a conquistar taõ grande parte do Mundo, que já não podia aspirar a maiores empresas a grandesa de seu invenível animo.

Esta he a empresa de Hercules, & esta ha de ser tambem hoje a empresa do meu grande Evangelista, & com muyto fundamento; porque depois de dominar este Sol Evangelico com os seus rayos, (que Sol do Evangelho chama ao grande Evangelista são Dionysio Areopagita: *Sol Evangelii*, ou depois de abranger esta racional Agua com os seus voos toda a circunferencia da terra, & toda a espaciosidade do Ceo, não podendo como outro Hercules, estender a mais o luminoso dos seus rayos, & o remontado dos seus voos, levantou nas eminencias dos seus escrittos duas columnas, para eterna lembrança de seu soberano nome, a quem compete melhor que às columnas de Hercules o estema do *Non plus ultra*, porque chegou o meu grande Evangelista áquelle extremo a que já mais chegou algũa creatura; exceptuando aquella Immaculada Senhora, que foy sempre exceção de toda a regra, & se quereis saber quaes sejam estas duas columnas, que o Evangelista sagrado levantou nas eminencias dos seus escrittos ouvi o que dizem os Santos Padres, & Expositores sobre as palavras que tomei por thema.

Hic est Discipulus ille, diz o mesmo Evangelista falando de si mesmo, que só João póde ser digno Panygerista de seus louvores; só o ligeyro movimento da sua penna póde abranger o remontado de seus voos; assim o dizia em semelhante occasião o douto Ozorio: *Ad digne loquendum de Joanne Evangelista, alius Joannes Evangelista desiderandus hic esset*. Diz pois o Evangelista amado nas palavras do thema, este he aquelle Discipulo; & que Discipulo he este? Não tem nome! Sim tem, respondem os Santos Padres, & sagrados Expositores; este Discipulo he o Evangelista Amado: *Hic est Discipulus ille, nempe, quem diligebat Jesus*, diz o grande Sylveyra; este Discipulo he o Evangelista entendido,

D. Dionys. in epist ad Joan.

Ozorius ser. de S. Joann. tom. 1.

Sylveyr. hic.

que encoftado no peyto de Chrifto, bebeo nesta fonte da sabedoria a agoa suaviffima da mais alta sciencia: *Qui in ipfo Dominici pectoris fonte potavit*, diz a Igreja, & com ella os Santos Padres; de forte, que este Discipulo que expõem o thema he o Evangelifta amado, he o Evangelifta entendido; & o ser amado, & o ser entendido são as duas columnas, que o Evangelifta erigio na eminencia de dous elevados montes, hum he o seu Evangelho, outro he o seu Apocalypse; na eminencia do monte do Evangelho levantou a columna de Amado: *Conversus Petrus vidit illum Discipulum, quem diligebat Jesus*. Na eminencia do monte do Apocalypse levantou a columna de Entendido, que isso quer dizer o *Apocalypsis Jesu Christi... & significavit servo suo Joanni, qui testimonium perhibuit Verbo Dei*, assim o diz o doutiffimo Viegas.

Vieg. in
Apocal.
hic.

E para que em tudo se ajuste a empresa, gravou o Evangelifta nestas duas columnas o *Non plus ultra*; gravou o *Non plus ultra* na columna de entendido, & na columna de amado; porque foy o Evangelifta o *Non plus ultra* como entendido, & foy o *Non plus ultra* como amado; mais claro. Como entendido foy o Evangelifta o *Non plus ultra* entre os entendidos, & como amado foy o *Non plus ultra* entre os amados; & este vem a ser o Discipulo de quem fala o thema: *Hic est Discipulus ille*. Ora lancemos mão da columna de entendido, & mostremos como nesta columna compete a João com toda a propriedade o diffico do *Non plus ultra* entre os entendidos.

D. Pet.
Dam.
ser. 64.

Grandes, & illustres titulos, grandes, & singulares privilegios concedeo Deos Senhor Nosso neste Mundo ao Evangelifta mimoso; porque neste Mundo, como diz S. Pedro Damião, foy o Evangelifta Bocca de Deos, Lingua do Espirito Santo, Cedro do Paraiso, Luz da Igreja, honra do Universo, resplendor do Mundo, pregoeyro da Divindade, delicias de Christo, estrella dos homens, companheyro dos Anjos, espelho da luz, fôrma da Fé, alma das virtudes, columna do Ceo, Querubim da terra, Secretario do Peyto, Filho adoptivo da

Virgem

Virgem Senhora Nossa; & outros muytos titulos, que deixo, & outros muytos privilegios que calo, que são mais para admirados, que para referidos; & sobre todos estes titulos tão grandes, & tão illustres, & sobre todos estes privilegios tão grandes como singulares, teve tambem o grande Evangelista o titulo, & o privilegio de entendido, com que esta racional Aguia se elevou tanto nos voos, que excedendo a todas as creaturas na intelligencia, penetrou, & vio com os olhos do seu entendimento o que nenhum Profeta, o que nenhum Patriarca, o que finalmente nenhũa outra creatura chegou já mais a ver, nem penetrar, tudo diz S. Pedro Damiaõ: *Ad D. Pet. tantum gratiæ proventus est privilegium, ut omnem transf- Dam. grediens creaturam, illuc mentis acie attingeret, quod non ser. de S. Prophetæ, quod non Patriarchæ, non denique quisquam, Joan. ab ipso mundi exordio in carne positus aspirasset.*

É o Bispo Januense affirma, que o meu grande Evangelista fora tão superiormente entendido, que se exaltara sobre toda a intelligencia humana, que se elevara sobre toda a intelligencia Angelica, & sendo na realidade hum puro homem, parece que por hũa entndida transformação todo se sublimou em Deos: *Fuit enim Joannes exaltatus super spiritum Joan. de humanum, elevatus super Angelicum, & sublimatus in S. Joan. Deum.* Emfim chegou a tão alto ponto o grande Evangelista como entendido, que entre todos os entendidos foy o *Non plus ultra*; como entre as aves a Aguia, entre os metaes o ouro, entre as plantas o cedro, entre as flores a rosa, entre os astros o Sol, & entre os rios o mar; porque na intelligencia dos mysterios mais profundos tanto se elevou sobre todos os entendidos, quanto se sublima o mar a respeyto dos rios, o Sol a respeyto dos astros, a rosa a respeyto das flores, o cedro a respeyto das plantas, o ouro a respeyto dos metaes, & a Aguia a respeyto das mais aves; porque mais que todos vio, penetrou, & entendeu os mysterios mais occultos, & os Sacramentos mais escondidos; & de tal sorte, q̃ sobre todos os entendidos q̃ admitou nas encarecidas vozes do vulgo a ligeyra fama, se re-

montou a nossa entendida Aguia no conhecimento de taõ profundos segredos; no mysterioso livro do Apocalypse temos hũa grande prova.

Apoc.
cap. 5.

Nas mãos de Deos vio o grande Evangelista hum livro que estava cerrado, & sellado com sette sellos; & diz o mesmo Evangelista, que nenhũa criatura, nem os Anjos do Ceo, nem os homens da terra, nem os Padres do Limbo poderaõ ver, nem entender, o que continha este grande livro: *Et nemo poterat neque in Cælo, nec in terra, neque subtus terram aperire librum, neque respicere illum.* E lendo isto assim, inculca o mesmo Texto, que o meu Evangelista o vira, & entendera, porque vio, & alcançou o que tinha escripto por dentro, & por fóra: *Vidi librum scriptum intus, & foris, quod nec Angelus in Cælo, diz agora o douto Sylveyra, nec homo in terra potuit videre, ipse valuit penetrare, & inspicere.* E como assim? Se nem os Anjos do Ceo, nem os homens da terra, & se nem ainda os Padres do Limbo, finalmente se nenhũa creatura pode ver, nem entender o que continha este livro, como o vio, & entendeu o Evangelista? Aos demais occulta-se a intelligencia deste grande livro, & só Joaõ alcança deste livro a intelligencia? Sim, porque este grande livro continha profundos segredos, & altissimos mysterios, como dizem commummente os sagrados Interpretes. Ah sim? Pois não o veião, nem entendão os Anjos do Ceo, os homens da terra, & os Padres do Limbo; não o entenda, nem veja nenhũa creatura, & só ao Evangelista se conceda este privilegio, só o veja, & entenda o Evangelista, para que se sayba, que tanto mais entendido foy Joaõ, que todos os entendidos, que só elle vio, entendeu, & alcançou os mysterios, & segredos daquelle livro, que nem os Anjos, nem os homens, nem as demais creaturas poderão ver, nem alcançar; tudo diz o Sylveyra: *Joannes Evangelista tam sublimis, ac elevatus est cognitione, ut antecellat Angelos in Cælo, ac homines in terra, & Patres in Limbo, ac proinde, quod nec Angelus in Cælo, nec homo in terra potuit videre, ipse valuit penetrare, & inspicere.*

Sylveyr.
hic.

Sylveyr.
ad cap. 5.
cum Ap.

Vedes como o meu Evangelista na raaõ de entendido excedeo a todos? Pois só elle vio, entendeo, & penetrou os segredos, & os mysterios daquelle livro, que estava na Mão de Deos! Cuja intelligencia, & comprehensãõ se difficultou a todas as mais creaturas? Ora vede agora em particular esta grande ventagem que o Evangelista levou a todos pela raaõ de entendido; tanto mais entendido que todos foy o meu Evangelista, que na raaõ de Entendido excedeo aos Querubins, aos Profetas, aos Apostolos, & aos Sabios mais entendidos que celebraõ os annaes da fama; comecemos pelos Querubins. Entre todos os Espiritos Angelicos saõ especialmente os Querubins os Espiritos mais entendidos, pois a elles se attribue toda a sciencia: *Cherubim, idest, plenitudo scientiæ*; & sendo taõ entendidos estes Espiritos, ainda mais que os Querubins foy o Evangelista entendido; ainda sobre estes entendidos Espiritos se remontou a nossa Aguia com as azas da sua intelligencia; temos a prova nas Profecias de Ezequiel.

No primeyro capitulo das suas Profecias, contra Ezequiel, que vira aquelles quatro animaes taõ celebrados como repetidos, & diz que a Aguia, que era o quarto animal, excedia aos outros animaes nos voos: *Facies Aquilæ desuper ipsoꝝ quatuor*. Naõ me admiro por agora da visaõ, admiro-me só de que sendo estes animaes Querubins, como diz o mesmo Profeta: *Elevatae sunt Cherubim*, ainda a Aguia os exceda nos voos? *Desuper ipsoꝝ quatuor*. E todos effes Querubins que se representãõ a Ezequiel na semelhança de animaes não tinhaõ azas? Sim tinhaõ, diz o mesmo Ezequiel: *Pennas per quatuor partes habebant, unumquodque duabus alis*. Pois se todos tinhaõ azas, como voa a Aguia mais que todos? Como se remonta com as suas azas sobre os mesmos Querubins? Mas assim devia ser, não vedes que esta Aguia era o meu Evangelista, como dizem os Expositores neste lugar! Não sabeis que as azas significaõ a noticia dos mysterios, & a intelligencia dos segredos, como dizem Hugo, & Beda: *Per alas denotatur cognitio, seu perfecta, & consummata scientia*! Pois dilate a

Ezech. i.

Sylveyr.

Alapid.

Et alii.

Beda, Et

Hug. b. i. c.

Aguia

200
 Aguia mais que os animaes os seus voos, & transcenda sobre os mesmos Querubins com as azas de sua intelligencia, para que se sayba que he o Evangelista taõ entendido, que na intelligencia dos mysterios mais profundos excede a esses Espiritos mais intelligentes. He verdade que os Querubins tem hũa perfeyta, & consummada intelligencia, que isso mesmo denuncia a etymologia do seu nome: *Cherubim, idest, plenitudo scientiæ*; & o mesmo declaraõ as suas azas: *Per alas denotatur perfecta, & consummata scientia*. Mas comparada a intelligencia dos Querubins, com a intelligencia do meu Evangelista, a intelligencia dos Querubins he menos, a intelligencia de Joaõ he mais, porque transcende sobre todos: *Desuper ipsorum quatuor*.

Mas que muyto se eleve na intelligencia sobre os mesmos Querubins a nossa entendida Aguia, se todas essas Intelligencias Angelicas tiveraõ ao meu Evangelista por Mestre, & delle aprenderaõ, & souberaõ muytos, & profundos mysterios, que naõ alcançava o seu discurso. Muytas cousas ignoraraõ os mesmos Anjos, muytos mysterios se occultaraõ ao seu conhecimento; mas tanto que o grande Evangelista com a agudeza do seu estylo os descreveo no remontado de seus escritos, logo os Anjos penetraraõ a profundesa de taõ altos mysterios; tudo diz S. Joaõ Chrylostomo: *Joannes à Spiritus Sancti profundis, & abditis thesauris omnia proloquitur, quæ neque Angeli, priusquam hic diceret noverunt; namque & ipsi nobiscum per Joannis vocem didicerunt, quæ cognovimus*. E se o Evangelista foy Mestre dos Anjos, & se os Querubins foraõ discipulos de Joaõ, que muyto que o grande Evangelista, como Mestre se elevasse nos voos com as azas de sua intelligencia sobre os mesmos Querubins que eraõ seus discipulos: *Desuper ipsorum quatuor*, assim excedeo o meu Evangelista na intelligencia aos Querubins.

E assim tambem excedeo aos Profetas na intelligencia: *Joannes Prophetas transcendit in cognitione*, diz o Sylveyr; & a ralaõ he, porque muytas vezes, como diz Santo

Div.
 Chryf.
 prol. in
 Ioan.

Sylveyr.
 in Apoc.

Agostinho, ignoravaõ os Profetas a significação das suas visões: *Propheta quaedam intelligebant. quaedam non intelligebant.* Como se verificou entre Daniel, & Zacarias. Vio Daniel sahir do mar quatro animaes muyto diversos nas figuras, & acaso entendeu Daniel esta visão? Não por certo, que por isso pediu a hum dos Espiritos que assistiaõ no Throno de Deos, que lhe explicasse aquella visão: *Accessi ad unum de assistentibus, & veritatem querebam de omnibus his, qui dixit mihi interpertrationem sermonum.* Zacarias vio quatro carros tirados por cavallos de varias cores, que a redeas soltas sahiaõ do meyo de dous montes de cobre, penetrou por ventura Zacarias este segredo? Não o penetrou, que por isso diz a hum Anjo, que lhe declare este embaraçado enigma: *Quid sunt hæc Domine mi?* Vedes como os Profetas não percebiaõ a significação de suas mysteriosas visões? Pois não foy assim o meu grande Evangelista, porque entendeu tudo quanto vio, & todos os mysterios que se lhe propuseraõ em repetidas visões, penetrou esta soberana Aguia com a agudeza do seu juizo, & comprehendeo na vastidão do seu entendimento, naquella livro que o Evangelista vio nas mãos de Deos temos húa grande prova.

Fala S. João deste grande livro, & diz que vira, penetrara, & entendera tudo quanto nelle estava escrito: *Vidi librum, scriptum intus, & foris: librum videre,* diz o Sylveyra, *hoc est cognoscere, & intelligere, quæ in eo erant scripta.* E como assim? Que o meu Evangelista penetrasse, & entendesse muytas cousas das que estavaõ escritas naquella livro, não me admira, porque era Aguia muyto remontada nos voos da sua intelligencia, mas que veja, & penetre, & entenda tudo quanto encerrava taõ grande livro? Mas assim foy, tudo vio, tudo entendeu, & tudo penetrou o grande Evangelista; não vedes que este livro que João vio, era o mesmo livro do seu Apocalypse, era o mesmo livro das suas visões, como dizem os Expositores: *Erat ipsemet liber Apocalypsis continens mysteria Apocalypsis.* Ah sim? Pois diga-le logo, que João vio, penetrou, *hic.*

D. Aug.
lib. 7. de
Civitat.
Dei c. 33

Dan. 7.

Zach. 4.

Apoe. 5.
Sylveyr.
hic.Vidi
Sylveyr.

penetrou, & entendeu tudo quanto se continha naquelle livro, para que se sayba, que foy o Evangelista taõ entendido, que vio, penetrou, & entendeu todas as suas visões, & tudo o mais que estava escrito no grande livro do feu Apocalypse: *Vidi librum intus, & foris, librum videre, hoc est cognoscere, & intelligere quæ in eo erant scripta.* Eis aqui como o Evangelista entendeu todas as suas visões, o que muytas vezes não alcançaraõ os Profetas, que muyto pois exceda aos Profetas na intelligencia?

Quanto mais, que este conhecimento que o Evangelista teve das suas revelações foy hum conhecimento claro, foy hũa intelligencia sem confusão; porèm o conhecimento dos Profetas foy obscuro; o conhecimento do Evangelista foy taõ claro, que penetrou com toda a evidencia os segredos mais escondidos da Divindade, & por isso com toda a clareza os escreveu; & tanto, que pela intelligencia do Evangelista ficou de algum modo palpavel, & comprehensivel ao nosso discurso a geração Eterna, que pareceo a Isaias a todas as luzes não só incomprehensivel, mas ainda inexplicavel: *Generatio nem ejus quis enarrabit? Joannes, diz S. Joaõ Chrysoftomo, à Spiritu Sancti profundis, & abditis thesauris omnia proloquitur, quæ neque Angeli priusquam hic diceret noverrunt, namque & ipse nobiscum per Joannis vocem dediscerunt, quæ cognovimus.* De sorte, que a intelligencia que o Evangelista teve da Divindade, foy clara, & sem confusão, porque vio o mesmo que escreveu: *Verbum apud Deum vidit,* diz Santo Ambrosio; porèm os Profetas conheceraõ confusamente muytos mysterios, & da mesma sorte que os entenderaõ, assim os explicaraõ.

Como Jacob, que explicou o mysterio da Encarnação naquella mysteriosa escada, que estava lançada do Ceo à terra; como Isaias, que explicou o Nascimento de Christo na flor daquella vara que brotava da raiz de Jesse: como David, que expoz a dolorosa Payxão do Filho de Deos na tempestade desfeyta, que se levanta no mar, como Ezequiel, que relatou

Isai. 53.
D. Chry
sost. prol.
in Joan.

D. Am-
bros. in
Luc. 6.
15.

noverunt, diz o mesmo S. João Chrysoftomo; logo por esta razão foy o meu Evangelista mais entendido que todos os mais sabios, pois d'elle participarão todos a noticia dos mais escondidos mysterios, assim como as estrellas recebem o luzimento do Sol.

A segunda razão porque o meu Evangelista excedeo a todos os sabios, he, porque soube, & entendeu mais que todos, & senão vede-o. Todos os sabios mais entendidos, todos esses grandes Doutores da Igreja bebẽrão a intelligencia dos mysterios na fonte da sabedoria: *Aquã sapientia potavit eos*. Porém o Evangelista esgotou a agoa dessa mesma fonte, assim o diz S. Bernardo: *Hausit Joannes de sinu Unigeniti, quod de D. Ber. Paterno hauserat ille*. Notay agora: Os demais sabios bebẽrão a agoa da intelligencia na fonte da sabedoria: *Potavit eos, serm. 8.* & o meu Evangelista esgotou essa mesma fonte: *Hausit Joannes in Cant.* Quem bebe em hũa fonte, não bebe toda a agoa da fonte, bebe só aquella parte que basta para satisfazer a sua sede; & quem esgota hũa fonte, tudo bebe, & nada deyxã, que isso mesmo he esgotar; logo mais entendido foy o Evangelista q̃ todos os sabios, logo foy mais sabio que todos os entendidos; porque os demais beberão, & o Evangelista esgotou, os mais beberão parte, mas não toda a agoa da fonte da sabedoria: *Potavit eos*; porém João-toda a agoa bebo porque esgotou: *Hausit Joannes*. Vedes como o grande Evangelista foy mais entendido que todos os sabios? E como foy mais sabio que todos os entendidos? Pois excedeo aos Querubins, aos Profetas, aos Apostolos, & a todos os Doutores da Igreja! Foy logo o meu Evangelista entre os entendidos o *Non plus ultra*, como entendido; & este he o Discipulo de quem fala o thema: *Hic est Discipulus ille*.

Foy tambem o grande Evangelista entre os amados o *Non plus ultra* como amado; esta he a segunda columna da empresa, & a segunda, & ultima parte do assumpto; & que o Evangelista sagrado fosse entre os amados o mais querido, o diz expressamente a Igreja: *Inter ceteros magis dilectus*; & por Officio duas

duas razões infiro eu, que foy o Evangelista o mais amado: hũa, fundada na grande ſemelhança, que teve com Chriſto, outra expoſta nos grandes ſegredos, que o meſmo Filho de Deos lhe revelou; começemos com a primeyra ração, fundada na ſemelhança. He axiõma Philoſofico, que da mais intima ſemelhança nasce o mais fino amor: *Similitudo eſt cauſa amoris*. E por iſſo o Evangelista foy de Chriſto o mais amado, porque foy a Chriſto o mais parecido; & ſenão diſcorrey por todas as claſſes dos Santos, diſcorrey pelos Patriarcas, pelos Profetas, pelos Martyres, pelos Confefſores, pelos Anacoretas, & por todas as mais claſſes, & achareis que nenhum Anacoreta, nem Confefſor, nem Martyr, nem Apõſtolo, nem Profeta, nem Patriarca, teve com Chriſto tanta ſemelhança como o Evangelista, aſſim o diz o Baeça: *Joannes Jeſu ſimilimus*. Notay q̃ não diz *ſimilis* ſemelhante, mas diz *ſimilimus* no ſuperlativo, que ſignifica mais ſemelhante de todos; porque foy, ao que parece, o Evangelista outro Deos por ſemelhança: *Fecit que illum apparere quaſi alterum Dei Filium*, diz o meſmo Expoſitor; de ſorte, que tanta ſemelhança havia entre Chriſto, & Joãõ, que parecia Joãõ hum vivo retrato de Chriſto; aſſim o enſinuou S. Pedro Damiaõ.

Baeça
de laudi-
bus Ioã-
nis.

Chama eſte grande Padre ao Evangelista Eſpelho da luz: *D. Petr. Speculum lucis*; a luz he o meſmo Filho de Deos: *Erat lux vera*, & ſe Joãõ he o Eſpelho da Luz, ſendo o Filho de Deos *Dam. ſerm. 64.* a Luz, he logo o Evangelista eſpelho do Filho de Deos; & de tal ſorte, que aſſim como cada hum de nõs ſe vè effigiado no ſeu Eſpelho, aſſim no Evangelista, como Eſpelho da luz ſe vè do Filho de Deos o ſeu retrato; que tão parecido he Joãõ cõ Chriſto, que he hum cryſtallino eſpelho em que ſe vè o meſmo retrato do Filho de Deos: *Speculum lucis*; & o meſmo Evangelista no ſeu Apocalypſe nos declara eſta grande ſemelhança, que tinha com Chriſto.

Apoc. 19. Em hũa das myſterioſas viſões do ſeu Apocalypſe, vio S. Joãõ a Chriſto Senhor Noſſo, & diz, que tinha em hũa parte da ſua veſtidura eſcritto o ſeu nome, o qual ninguem ſabia ſe-

não o mesmo Christo: *Habens nomen scriptum, quod nemo novit, nisi ipse.* E logo nos diz o Evangelista, que este nome que estava escrito era Verbo de Deos: *Et vocatur nomen ejus Verbum Dei.* Já se offerece o reparo. Se aquelle nome de Christo ninguém o sabia senão o mesmo Filho de Deos, como o sabe o Evangelista? Se João diz que só Christo sabia aquelle nome que estava escrito na sua vestidura: *Quod nemo novit nisi ipse.* Como logo inculca o mesmo Evangelista que o sabe, pois diz que o tal nome era o de Verbo de Deos? *Ei vocatur nomen ejus Verbum Dei.* Ora tudo parece foy; só Christo sabia aquelle nome, & também o soube o Evangelista, porque estava João tão equivocado com Christo, ou havia entre Christo, & João tanta semelhança, que o mesmo era fabelo Christo, que fabelo João, & o mesmo era fabelo João, que fabelo só Christo, que em fim havia entre Christo, & João tanta semelhança, que parecião a mesma cousa; vivião tão equivocados, que parece não havia distincção entre Christo, & João, por isso sabe o Evangelista aquelle nome, que só Christo sabe; ouvi Ansberto Abbade: *Et certe nisi subtiliter quid interius in his lateat verbis, rimetur, contraria sibi esse videntur, nisi quia subaudiendum est, nemo extraneus cognoscit.*

E tanta identidade, & semelhança tanta havia entre Christo, & João, que parece até nas vidas estavão equivocados, & de tal sorte, que a mesma vida de Christo parece era a vida de João, ou era João a mesma vida de Christo, assim o colijo de hum grande texto, fundado na exposição de Santo Hilario; notay. No Horto pedio Christo a seu Eterno Pay, que passasse d'elle o amargo Caliz da sua Payxão: *Transseat à me Calix iste,* & diz Escobar, que nesta sua petição pretendia Christo, que d'elle se transmittisse o Caliz para o Evangelista: *Transfere Calicem rogat, ut promissioni factæ filijs Zebedæi possit stare.* E como assim! Como podia, ou havia o Evangelista de beber o amargo Caliz de Christo, supposto o decreto da nossa Redempção em que estava de terminado que só Christo havia de beber as amarguras deste Caliz, dando a vida em os

Ansbert
hic.

Matth.
16.
Escobar
de Sanctis.

braços de hũa Cruz? Se Christo ha de ser o que pelo nosso remedio ha de dar a vida, como pôde o Evangelista beber o Caliz de sua morte? Ora vede. He verdade, que supposto o decreto, só Christo ha de dar a vida pelo nosso remedio, mas ainda assim pede Christo que o Caliz da sua morte se transfira para João, porque parece que morrendo o Evangelista, morria Christo; porque tanta identidade havia, ou havia tanta semelhança entre Christo, & João, que parece era o mesmo morrer o Evangelista bebendo as amarguras daquelle Caliz, que dar a vida o mesmo Christo, ou porque João era outro Christo por semelhança, ou porque era a mesma vida de Christo; ouvi o Sylveyra: *Sic perfectus erat Joannes, ut jam Joannes in se ipso non viveret, sed in eo vivebat Christus, sic Joannes Christo unitus erat.*

Sylveyr.
hic in
Remiss.

Origin.
ad hunc
locum.

E agora entendo eu a razão porque Origenes disse, q̄ aquelle Sangue que sahio da ferida do Peyto, não fora de Christo morto, mas que o derramara o Evangelista vivo: *Sanguinem illum non Christus mortuus, sed Joannes vivens emisit.* Mas como podia isto ser? Como podia o Evangelista derramar aquelle Sangue? He certo que este Sangue sahio daquelle ferida q̄ fez a lança; a ferida foy no peyto de Christo, logo de Christo foy o Sangue? Como diz Origenes que fora do Evangelista? Deve ser a causa, porque a vida está no sangue, na mais corrente Filosofia: *Vita est in sanguine, & se no sangue está a vida,* parece que o mesmo Sangue de Christo he do Evangelista, porque he o Evangelista a mesma vida de Christo; que consiste no sangue: *Vita est in sanguine;* de forte, que tanta semelhança havia entre Christo, & João, que até nas vidas estavam equivocados, sendo por hũa amorosa transformação de João a mesma vida de Christo: *Sanguinem illum non Christus mortuus, sed vivens Joannes emisit.*

Mas como não havia de parecer assim, como não havia de parecer que era do Evangelista o mesmo Sangue de Christo em que consiste a vida, se João he o mesmo coração de Christo: no coração tem a nossa vida o seu principio, o coração he

o centro donde se derivão os alentos da nossa vitalidade; logo o mesmo sangue em que está a vida, ainda que fosse de Christo havia de parecer que era do Evangelista, porque he João o coração de Christo; assim o colijo da mesma authoridade de Origenes; notay, diz Origenes que aquelle Sangue que sahio da ferida que fez a lança fora do Evangelista, não approvo este parecer, mas reparo no ditto; he certo que a lança ferio o coração de Christo, como diz o Sylveyra: *Miles lancea cor Christi transfixit.* Logo do coração de Christo sahio o Sangue! Como diz logo o Origenes que o sangue fora do Evangelista? Deve ser a rasão, porque aquelle Sangue foy do coração de Christo, como diz o Sylveyra, & consequentemente havia de ser do Evangelista; foy do coração de Christo, porq̃ este foy ferido com a lança: *Miles lancea cor Christi transfixit.* E foy do Evangelista, porque foy do coração de Christo; que o mesmo era sahir aquelle Sangue da ferida que fez a lança no coração de Christo, do que ser do Evangelista, por ser João o coração de Christo; o que mais evidentemente se cõprova com os Santos Padres, & sagrados Expositores.

Diz Guilherme Ebrocense, com outros muytos Padres que sita o doutissimo Sylveyra, que revelara Christo ao Evangelista em a noyte da Cea aquelle intimo segredo da traição de Judas, que o mesmo Filho de Deos tinha occulto em seu coração: *Huic enim Christus in Cæna proditorum suum revelavit.* E sendo o Evangelista sabedor deste segredo, diz elle mesmo que o ignorara com os mais Discipulos: *Hoc autem nemo scivit discumbentium*; nenhum dos que estavaõ à mesa soube este segredo que estava no coração de Christo: *Nemo scivit,* parece que se encontra este Texto com o mesmo que dizem os Expositores, & Santos Padres? Se estes affirmão que o Evangelista o soubera, sahio logo do coração de Christo para João, que a não sahir daquelle coração não o soubera o Evangelista; como logo diz João que não sahira do coração de Christo este segredo! *Hoc autem nemo scivit discumbentium?* Ora tudo foy, sahio como dizem os Santos Padres, & não sa-

Sylveyr.
hic t. 5.

Guilber.
serm. 2.
de Ioan.
Sylveyr.
tom. 5. de
revelat.
prodito-
res.
Ioan. 13.

hio cõmo inculca o Evangelista, do coração de Christo o segredo da traição de Judas; sahio do coração de Christo, porq̃ o revelou ao Evangelista; & não sahio, porque só o Evangelista o soube; & como só o Evangelista teve noticia do traidor, por isso não sahio do coração de Christo aquelle segredo; porque não passou do Evangelista que era o coração de Christo; de sorte, que se a noticia da traição passára do Evangelista para outro Discipulo, sahia então do coração de Christo aquelle segredo; mas como ficou no Evangelista, não sahio a Christo do coração, porque João era o mesmo coração de Christo: *Hoc autem nemo scivit discumbentium.*

Vedes a grande semelhança que houve entre Christo, & João? Que não só parecião a mesma cousa, mas ainda parecia o Evangelista ser a mesma vida, & o mesmo coração de Christo? Pois se entre todos foy o Evangelista a Christo mais parecido, que muyto fosse de Christo o mais amado? Se João teve com Christo a mais intima semelhança, porque não havia de ser do amor de Christo todo o seu emprego, sendo a semelhança a total causa do amor: *Similitudo est causa amoris.* Assim foy o Evangelista o mais amado de Christo, pela razão da semelhança; & não menos que assim foy o mais querido pelos grandes segredos que o Filho de Deos lhe revelou; estamos na ultima parte, & com ella acabo.

Quando o Evangelista se recoitou no Peyto de Christo, lhe revelou o Senhor os mysterios mais altos, & os segredos mais escondidos; & entre estes diz Guilherme Ebrocense, lhe revelou Christo o segredo da traição de Judas: *Huic enim Christus in Cæna proditorem suum revelavit.* E communicar Christo ao Evangelista quando o teve em seu Peyto hum segredo tão oculto, que outra cousa foy, senão mostrar o mesmo Filho de Deos, que o Evangelista era o seu Amado? Assim o infere o mesmo Author referido: *Et in hoc apparet quantum Christus dilexit illum.* E com razão, porque a revelação do segredo mais escondido, he effeyto do amor mais abraçado; aõde o amor he mais fino, ahi he a revelação dos segredos mais certa.

Guilher.
Ebroc.
ubi sup.

De todas as feridas que fez o odio no Corpo de Christo em todo o discurso da sua Payxaõ, só a ferida do Peyto tem o titulo de ferida do amor: *Vulnus amoris*. E como assim? Não padaceo Christo todos os golpes do odio obrigado do amor dos homens? Não tem duvida, pois se o amor concorreo para todas as feridas, como só a ferida do Peyto por antonomasia ha de ser a ferida do amor: *Vulnus amoris*! Direy o que entendo; a ferida do Peyto entre todas descobrio aos homens hum segredo que estava occulto nõ coração de Christo, que foy o Sacramento que estava escondido no Sacratio do Peyto; porque tanto que a lança ferio o Peyto; logo a ferida expoz a nossos olhos aquelle segredo, lançando sangue, & juntamente agoa: *Continuo exiuit sanguis, & aqua*: De latere Christi exierunt *Sacramenta, Sacramentum, idest, secretum*, dizem os Theologos. Ah sim? Pois a ferida de Peyto descobre hum segredo tão occulto, & hum mysterio tão escondido, tenha logo a ferida do Peyto especialmente entre todas o titulo de ferida do amor: *Vulnus amoris*. E is aqui como he effeyto do amor mais fino, a revelação do segredo mais occulto.

Expositores com.

Ioan. 19.

TT. coit.

Por isso Cornelio Tacito querendo descrever o muyto que Tiberio a Seyano amava, tomou por empresa os segredos que lhe descobria: *Mox Tiberium devinxit adeo, ut obscurum adversum alios, sibi uni intellectum efficeret*. Tanto amou Tiberio a Seyano, diz o Tacito, que o fez depositario de seus segredos; & de tal modo, que occultando Tiberio o seu Peyto a todos os vassallos, permittio que fosse Seyano outro Thezo daquelle labyrintho de todos ignorado, outro Edipo daquelle Esfinge a todos desconhecida: *Adeo ut obscurum adversum alios, sibi uni intellectum efficeret*.

Cornel. Tacit. l. 4. Annal.

E até o mesmo Filho de Deos querendo mostrar o muyto que o Eterno Payo amava, tomou por fundamento os segredos que lhe descobria: *Pater diligit Filium, omnia demonstrat ei, quæ ipse facit. Sic facile intelligitur*, diz agora o Maldonado, *quomodo amor Patris in Filium causa esse significetur, quam ob rem omnia illi demonstrat, nec enim du-*

Ioan. 5. Maldon. ad præfata

bium quia cum dicit, Pater diligit Filium, & omnia demonstrat, indicet propterea omnia illi demonstrare, quia eum diligit. Com que ser a revelação dos segredos consequencia infallivel da entrega do coração, he tão certo, como evidente; porque quem verdadeyramente ama não pôde encobrir o que sabe; hum amante que he fino não sabe occultar o peyto, nem esconder o coração.

Isaias 6. No throno de Deos vio o Profeta Isaias huns Serafins, que com duas azas cobriaõ a Deos o rosto, com outras duas lhe occultavaõ os pés, & com outras duas azas voavaõ: *Duabus velabant faciem ejus, duabus velabant pedes ejus, & duabus volabant.* Pois se os Serafins cobrem a Deos o rosto com as duas azas que correspondem ao rosto, se occultãõ a Deos os pés, com as duas azas que correspondem aos pés, porque não occultãõ a Deos o peyto com as duas azas que correspondem ao peyto? Ou exercitem se todas as azas no ministerio de voar, ou occupem se todas no exercicio de cobrir? Mas não ha de ser assim; cubraõ muyto embora os Serafins a Deos o rosto com as azas que correspondem ao rosto, occultem a Deos os pés com as duas azas que correspondem aos pés, mas não occultem o peyto com as duas azas que correspondem ao peyto; porque como o peyto he o lugar do coração: *Pectus habitaculum cordis,* & os Serafins são os Espiritos mais amâtes: *Seraphim, idest, ardens amore.* Hum amante que he Serafim nos incendios de seu amor não sabe occultar o peyto, nem esconder o coração: *Duabus volabant.*

Sendo pois isto assim, sendo a revelação do segredo mais occulto, evidente prova do amor mais extremoso, não podendo hum fino amante occultar o seu coração, que havemos de inferir, vendo que Christo manifesta ao seu Evangelista o intimo do seu peyto, vendo que lhe descobre os segredos mais escondidos do seu coração, senão que por este especial favor que o Filho de Deos fez ao Evangelista em lhe revelar os segredos do seu coração, fora o mesmo Evangelista entre todos de Christo o mais amado, pois foy entre todos com a revelação dos segredos

segredos o mais favorecido; & assim não só foy João como entendido o *Non plus ultra* entre os entendidos, mas ainda como amado foy o *Non plus ultra* entre os amados; & este he o Discipulo de quem fala o thema: *Hic est Discipulus ille.*

Tenho mostrado como no meu grande Evangelista se verificou a empresa de Hercules, que se este gravou em dous montes o *Non plus ultra*, o meu Evangelista gravou tambem em outros dous montes mais eminentes o *Non plus ultra*. No monte do seu Evangelho, & no monte do seu Apocalypse; no monte do Evangelho gravou o *Non plus ultra* como amado, no monte do Apocalypse gravou o *Non plus ultra* como entendido; porque na ração de entendido foy o *Non plus ultra* entre os entendidos, entre os Querubins, entre os Profetas, entre os Apostolos, & entre todos os Doutores da Igreja; porque mais que todos estes foy João sabio, & entendido; & na ração de amado foy o *Non plus ultra* entre os amados, ou porque teve com Christo a mayor semelhança, ou porque lhe revelou Christo os mayores segredos; assim o mostrey neste compendiozo discurso, que supposto fosse dilatado pelo computo do tempo, foy mais que sucinto pela grandesa do assumpto; pois delle não disse nem ainda a menor parte, q̄ tudo emfim foy hũa cifra de suas maravilhas, foy hũa sombra de suas prerogativas.

Mas como não havia de ser assim, que discurso havia de abranger às prerogativas do grande Evangelista, sendo estas mais sem numero que as estrellas do Ceo, mais sem conto que as areas do mar, mais sem termo que os effeytos do Sol, & mais sem termo, sem conto, & sem numero que as flores da Primavera? Poderà o discurso comprehender os mysterios mais occultos do Ceo, & os segredos mais escondidos da terra; poderà comprehender o movimento dos astros, a firmesa dos orbes, a constancia das esferas, os effeytos do Sol, as variedades da Lua, os influxos das estrellas; poderà comprehender o vegetar das plantas, o crescer das pedras, a origem dos rios, o nascimento das fontes, a geração da perola na sua concha, a producção

ducção do ouro na sua mina, mas comprehender as excellencias, & prerogativas de João, isto não pôde ser, diz Smaragdo, porque he aspirar a hum impossivel: *Pauca quæreret Petrus* *cit. si Cali, & terra secreta inquireret, impossibilia dum de Io-*
a Sylvey anne interrogat.

rabic.

E como havia de alcançar o discurso humano os voos de hũa Aguia q̃ tanto se elevou com as azas da sua intelligencia que là chegou ao Ceo Empyreo aonde examinou do Divino Sol os rayos. As excellencias de hum Santo, que foy Patriarca, Profeta, Apostolo, Evangelista, Martyr, Confessor, & Virgem, disse pouco; q̃ foy entre as Virgens, exceptuando a Mãe de Deos, o mais puro; q̃ foy entre os Confessores o mais amante; q̃ foy entre os Martyres o mais glorioso, q̃ foy entre os Evangelistas o mais entendido; q̃ foy entre os Apostolos o mais insigne, q̃ foy entre os Profetas o mais eminente, & q̃ foy entre os Patriarcas o mais illustre; ainda não disse tudo; mas quem ha de referir o mais do grande Evâgelista, se he impossivel tomar pé no espaçoso mar de suas excellencias: *Impossibilia dum de Ioanne in-*
terrogat.

Mas oh venturosas almas, aquellas digo, q̃ ao grande Evangelista, cõ os vossos affectos tributaes estes festivos cultos, pois penhorais para o vosso favor o patrocínio de hũ Santo tão grãde, q̃ diz S. Getrudes no livro das suas revelações, q̃ nenhũ pôde ser Santo sem ser seu devoto; por isso os devotos q̃ teve, forãõ, como ainda são innumeraveis; & cõ especialidade as mesmas Magestades, & os mayores Monarcas do Mundo q̃ todos professão o serem Evangelistas, como hũ Santo Eduardo, hũa Santa Isabel Rainha de Ungria, & hũa Dona Isabel Rainha de Portugal, & outros muytos q̃ calo, de que estão cheas as historias; mas q̃ muyto se occupem os sceptros na devoção de hum Santo q̃ como estrella dos homens, que affirm lhe chama S. Pedro Damiaõ: *Sidus hominum.* He o norte da salvação; & para que tudo diga de hũa vez, de hum Santo que foy entre os entendidos o *Non plus ultra* como entendido; & foy como amado entre os amados o *Non plus ultra.*

L A U S D E O.

*D. Getr.
revel. 2.
part.*

SEGUNDA
EMPRESA

DO MYSTERIOSO FENIX,
que morre, & renasce nas mesmas
cinzas que são despojos da morte.

*Em que se descrevem duas admiraveis prerogativas
do glorioso martyrio do grande*

EVANGELISTA.

EXPOSTA

*No seu dia de tarde, em seis de Mayo,
estando o Sacramento manifesto.*



LISBOA.

POR MANOEL LOPES FERREYRA.

M. D. C. C. I.

Com todas as licenças necessarias.

77
a Sylve
rabie.

SEGUNDA EMPRESA

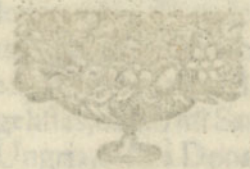
DO MYSTERIOSO FINIX
que morte & renacer nas melmas
cinzas que são deijos da morte.

Em que se descrevem duas admiraveis prognozas
de glorioso martirio de grande

EVANGELISTA.

E L I O S T A

No fim da vida, em seu de 14 de
quando a 24 de novembro de 1600



L I S B O A .
POR MANOEL LOPES FERREIRA.

Com todas as licenças necessarias.
M. D. C. V.

D. Carr.
revel. 2.
part.



IN NIDULO MEO MORIAR, ET SICUT

Phenix multiplicabo dies meos. Job cap. 29.
apud septuaginta.



A Republica' das Aves, meu Deos, & meu Senhor? Quando eu li no Texto Grego, que o Evangelista mimoso todo se rendera a demayos no dia das vossas penas: *Deliquium passus est*, logo eu entendi que por correspondencia amorosa haviéis de manifestar vos nesse throno em accidentes no dia do seu martyrio;

expondo desta sorte o vosso amor hum memorial de penas nesse mysterio: *Recolitur memoria passionis ejus*, no mesmo dia em que se faz memoria das penas do vosso Amado; & foy justo acerto que nas mãos do grande Evangelista estivesse exposto o vosso Corpo sacramentado; porque sendo esse Divino Sacramento hũa mysteriosa palma que destinou a vossa inefavel providencia para premio dos vencedores, & para gloria dos triunfos: *Vincenti dabo manna absconditum.* Era ração, que no mesmo dia em que Joaõ triunfa dos Tyranos, & dos tormentos, se visse nas suas mãos essa palma, como premio do seu valor, como insignia da sua vitoria, & como gloria do seu triunfo.

Apoc. 2.

Na Republica das Aves, dizia eu, descreve em elegantes discursos a discreta idea dos mais entendidos Escriitores, o venturoso Fenix, não só porque he na duraçã dos annos o mais favorecido, mas tambem por ser no tempo da sua morte o mais privilegiado. Vive esta generosa ave na Arabia Feliz, Provincia da Asia mayor, & pelo que della narraõ os Escriitores, imita

Valdet.
das aves
l. 6. c. 32.

20
 Herod.
 lib. 2.
 Plin. l.
 10.

na grandesa do corpo à Aguia, no vistoso da plumagem ao Pavão, nas suaves consonancias da voz ao Cysne, na perspicacia da vista ao Lynce, & na ligezyresa dos voos ao Açor; tem a cabeça redonda, & magestosa, adornada toda com o lustroso ornato de vistosas plumas, matizadas de diferentes cores; os olhos parecem animados carbunculos aonde se resume o esplendor do firmamento todo; o bico he entre roxo, & branco esmaltado de saffyras; o côlo se adorna com hum doutrado collar artificialmente disposto das mesmas pennas; veste o peyto de hum rico bordado aonde realça o azul celeste o engraçado da sua cor entre subtris fios do mais fino ouro; nas azas tresladaõ os jacinthos a sua belleza entre matizes de purpura; os pés cobremse de escarlata; & as unhas compõem-se de rubis.

Vide
 Valdec.
 ubi sup.

Esta ave pois, a quem nas vozes do admirado vulgo, chama milagre da natureza a mais ligeyra fama; depois de lograr mil annos de vida, como querem huns, ou depois de viver quinhentos annos, como querem outros, sentindo já debilitadas as forças, descoloridas as pennas, fraca a vista, grave o corpo, & pesadas as azas para se exercitarem nos voos, busca cuydadosa, & ajunta diligente suaves aromas, & odoriferos lenhos, & compondo destes húa pyra, perpetuo padraõ da sua immortalidade, se já não he ara aonde quer fazer sacrificio da sua vida; estende as pennas, bate as azas, & com o repetido movimento, ajudado do calor do Sol, acende fogo naquella lenha, & ateando em si aquelle incendio, nessas mesmas chammas, em que se vê abrazada, se vê logo renascida, unindo de tal sorte a morte com a vida, que no Fenix o acabar he renascer, o morrer he resuscitar.

Guilher.
 Ebroc.
 Ossuna,
 Minor.
 & alii.

Este he o Fenix taõ celebrado dos Escriitores antigos, & modernos; & nelle temos o mais genuino emblema do assumpto desta festa; porque se nella solennizamos ao grande Evangelista no martyrio da tina, no seu martyrio foy o meu grande Evangelista, no sentit de muytos, & graves Padres, hum mysterioso Fenix, que entregue às ardentes chammas da tina,

eter-

eternizou a sua duração, & multiplicou os dias da sua vida, sem que a intensão de chamma tão activa pudesse perturbar o descanso de alma tão ditosa; & por isso metafóricamente lhe accommodaõ os mesmos Padres as palavras que tomey por thema.

In nidulo meo moriar, & sicut Phenix multiplicabo dies meos. Eu, diz o Evangelista no sentido mystico, hey de acabar os dias de minha vida nos incendios de hũa ardente tina, que isso quer dizer o *in nidulo meo moriar*; mas tambem como Fenix hey de eternizar a duração da minha idade: *Et sicut Phenix multiplicabo dies meos.* E assim aconteceo, porque no martyrio da tina morreo, & viveo Joaõ como Fenix; viveo como Fenix, pois multiplicou tanto os dias da sua vida, que dizem muytos Padres que ainda hoje se conserva izento das jurisdicões da morte, morreo como Fenix no intenso fogo de hum ardente desejo que tinha de acabar a vida naquelle martyrio, assim o diz Ruperto: *Quasi vehemens desiderium moriendi, Joanni interitus esset.*

De forte, que no seu martyrio viveo, & morreo juntamente o grande Evangelista, imitou este Fenix dos Martyres no seu martyrio, ao Fenix dos mysterios, Christo no Sacramento; no Sacramento morre, & vive Christo juntamente, vive na realidade, morre na representaçãõ, da mesma sorte Joaõ na sua tina, morreo, & juntamente viveo; viveo na realidade triunfando dos incendios, & dos Tyrannos; & morreo na representaçãõ, sendo o seu mesmo desejo desh humano verdugo de tão innocente vida; & porq̃ assim imitou este Fenix dos Martyres ao Fenix dos mysterios, vivendo, & morrendo juntamente no seu martyrio, assim como Christo morre, & vive juntamente no Sacramento, servir me ha esta imitaçãõ admiravel de assumpto; mostrarey pois a Joaõ no seu martyrio, equivocado na vida, & na morte com Christo no Sacramento; falo naquelles termos, em que o discurso humano sem encontrar os dogmas Catholicos, pôde discorrer nesta materia; & ficará ao Sermaõ por titulo, Joaõ no seu martyrio Fenix sacramentado;

Rupert.
hic de
martyr.
Ioannis.

tudo nos diz o thema; pois nos descobre no Evangelista no seu martyrio, morte, & vida juntamente à semelhança de Christo no mysterio Eucaristico: *In nidulo meo moriar*, eis ahi a morte: *Et sicut Phenix multiplicabo dies*, eis ahi a vida; entremos com o discurso, mostrando o Fenix dos Martyres equivoado com o Fenix dos mysterios nas circunstancias da morte, & da vida; & comecemos pelas circunstancias da morte, seguindo a direção do thema: *In nidulo meo moriar*.

Morre João no seu martyrio, da mesma sorte que Christo morre no Sacramento; naquelle mysterio soberano morre Christo na representação, porque está com representações de morto naquelle Sacramento; porém não morre Christo naquelle mysterio porque acaba; acaba sim naquelle Sacramento porque não morre; eu me declaro. Naquelle mysterio está Christo com o dote de impassivel; & esta sua impassibilidade he o seu mayor tormento; este não padecer he o seu padecer; por isso a Igreja dá àquelle Sacramento o titulo de martyrio: *De quo martyrium sumpsit omne principium*. Pois o Sacramento he martyrio? E como pôde isto ser? Todo o martyrio formalmente diz padecer: *Martyrium est passio*, Christo naquelle Sacramento está impassivel, logo não he martyrio para Christo aquelle Sacramento! Respondo à difficuldade, que attendendo aos privilegios de impassivel não he para Christo o Sacramento martyrio, porque como impassivel não padece, nem pôde padecer naquelle mysterio, mas advertindo nas circunstancias de amante nosso, por isso mesmo que Christo como impassivel não padece, porque não pôde padecer, como amante o mesmo não padecer he o seu padecer; se Christo padecera no Sacramento, não era então o Sacramento para Christo martyrio; porque no tribunal de seu amor não se julga o martyrio como tormento, porque só como alivio se julga; o martyrio he todo pena: *Est passio*, & essa pena do martyrio, para o amor de Christo taõ longe está de ser pena, que antes he todo o seu alivio; porque os mais divertidos alivios encontra Christo nas mais defabridas penas.

In secr.
Miss. fer.
5. post
Domini-
cam ter-
tiã Qua-
drages.
apud TT.

No monte Olivete padeceo o Filho de Deos grandes, & excessivas penas; padeceo tristezas, ansias, & agonias; bayxou hum Anjo para dar alivio a tão graves ansias: *Apparuit An. D. Luc. gelus confortans*, & inquirindo eu que alivio seria este que o Anjo applicou ás penas de Christo, achey que fora o mesmo Caliz da sua Payxaõ, assim consta da tradiçaõ da Igreja, & como assim? A penas tão graves, a tristezas tão profundas, a ansias tão fortes, a agonias tão crueis, applica o Anjo por alivio este Caliz? Com o mesmo Caliz da Payxaõ, que he hum compendio de tantas penas, intenta este Anjo suavizar as tristezas, as ansias, & as agonias de Christo? Sim, porque para as penas de Christo não ha melhora alivio que o mesmo Caliz das suas penas; conhecia muyto bem o Anjo o genio, & inclinaçaõ do Filho de Deos, & por isso tomou o Caliz das suas penas para alivio das suas ansias; como se dissesse o Anjo, eu venho dar alivio ás penas de Christo, pois que alivio mais proprio hey de bulcar que o mesmo Caliz das suas penas, porque essas mesmas penas são o melhor remedio para suavizar as suas ansias; pois no tribunal de seu amor não se julgaõ as penas como penas, mas só como alivios se julgaõ; os alivios para Christo são penas, & as penas são todo o seu alivio.

São as penas para Christo como as cinzas para o Fenix; o Fenix renova a vida, & multiplica a idade nas mesmas cinzas, que são despojos da morte; & Christo nas mesmas penas que são instrumentos da morte, eterniza como Fenix a duraçaõ da sua vida; porque nessas mesmas penas que por nós padece, encontra o seu amor novos alentos com que vive; nos outros homens são as penas instrumentos da sua morte, porque achão a morte nas penas, mas em Christo são os tormentos alentos de sua vida, porque encontra a vida nos tormentos; os outros homens morrem porque padecem, & quando não padecem, vivem; & Christo vive quando padece, & quando não padece morte; & porque tudo diga de hũa vez, nos outros homens a privaçaõ da pena he o alicerce em que se estriba o fundamento da sua vida, em Christo a falta de tormentos he o instrumêto

que lhe occaciona a sua morte; que faltarem lhe penas que sentir, he infallivel argumento de se lhe acabarem os alentos para viver.

Antes que o Filho de Deos rendesse nos braços da sua Cruz os ultimos alentos da vida, advertem os Evangelistas, que differa aos circunstantes que estava já consummada a custosa empresa da nossa Redempção: *Consummatum est*. E apenas proferio estas palavras, quando inclinando a cabeça para o peyto entregou o Espirito nas mãos do Eterno Pay: *Et inclinato capite, tradidit spiritum*. E como assim? Morre a nossa vida, espira o nosso Creator tanto que está consummada a Redempção? He certo que já dantes sabia o Filho de Deos que estava a Redempção consummada: *Sciens quia omnia consummata sunt*; pois porque não morre então; senão agora? Porque não morre então que o sabe: *Sciens, quia omnia consummata sunt*, senão agora que o diz? *Consummatum est*. Sabeis porque? Porque quando o Senhor sabia que estava consummada a Redempção, sabia tambem que ainda lhe faltava o tormento do fel para padecer: *Sciens, quia omnia consummata sunt, dixit sitio*; & como ainda lhe faltava este tormento, por isso não acabou então a vida; mas quando disse que estava a Redempção consummada já não tinha mais penas que padecer, porque estavaõ consummados todos os tormentos: *Consummatum est, idest, omnia tormenta*, diz o Sylveyra; & o mesmo foy ver Christo que não tinha mais penas que padecer, que logo juntamente espira: *Tradidit spiritum*. Porque ainda a vida de Christo tão unida com as penas; que parece he o mesmo faltarem lhe as penas que sentir, que acabarem lhe os alentos para viver: *Consummatum est, tradidit spiritum*, nas penas sustenta Christo a vida, assim como a ave nas azas sustenta o corpo; se a ave não tem azas, faltaõ lhe os alentos para voar; & se Christo não tem penas, faltaõ lhe os alentos para viver; vida sem penas não he vida para Christo, ou porq morre pelas penas, ou porque a falta destas he a causa da sua morte; nos de mais homens sera o padecer causa da sua morte, mas

em Christo a causa da sua morte he o não padecer pelos homens.

Sobre a cabeça de Christo mandou Pilatos fixar a causa da sua morte: *Et imposuerunt super caput ejus causam ipsius scriptam*. E não era mais conveniente que aos pés se fixasse esta causa? Não estava aos pés mais visinha dos olhos, & mais perto da vista? Não podia neste lugar ser lida com mais facilidade esta causa? Como logo a manda pôr lá na cabeça tão distante da vista, & tão retirada dos olhos? Mas assim havia de ser; havia-se de pôr a causa da morte de Christo na cabeça, & não nos pés, porque só na cabeça assentava bem a causa da sua morte; notay, a cabeça de Christo he a divindade: *Caput Christi Deus est*, os pés significão a humanidade: *Per pedes humanitas designatur*, diz S. Bernardo. A divindade da cabeça he impassivel, a humanidade dos pés he passivel; & havendo de fixarse a causa da morte, só se deve pôr no impassivel da divindade, que he a cabeça, & não no passivel da humanidade que são os pés; para que se sayba, que a causa da morte de Christo não está no passivel da humanidade, está só no impassivel da divindade; não está no padecer, está só em não padecer, porque o não padecer pelos homens parece que he para Christo a causa total da sua morte: *Et imposuerunt super caput ejus causam ipsius scriptam, caput Christi Deus est*. E sendo isto assim, tendo o não padecer para Christo causa da sua morte, porque não direy eu, que a mesma impassibilidade que Christo tem naquelle mysterio, faz com que o Sacramento seja o seu martyrio aonde morre, porque não morre, & padece porque não padece; assim morre, porq̃ não morre, Christo no Sacramento.

E assim morreo porque não morreo o Evangelista mimoso no martyrio da tina; era tão vehemente o desejo que o Evangelista tinha de sacrificar a vida por seu Divino Mestre naquelle martyrio, que este mesmo desejo não sendo executado por disposiçãõ divina, foy o seu mayor tormento, porque o não morrer entre os incendios, o não acabar entre as chammas foy

D. Ber-
nard. in
cap. 6.
Isai.

Rupert.
ubi sup.

para João a morte mais penosa, & o martyrio mais cruel; expressamente o diz Ruperto: *Quasi vehemens desiderium moriendi, Joanni interitus esset.* Mas como não havia de ser assim, como não havia de padecer mais o Evangelista não padecendo, se esse não padecer era martyrio para o seu desejo? Desejar João beber as amarguras do penoso Caliz do seu martyrio, & ficar illeso da actividade das chammas entre os incendios da tina? *Illesus exiit.* Que estando entre os rigores do martyrio não padeça o tormento, que metido nos incendios não sinta os ardores daquellas chammas? Oh pena, que es a mais cruel! oh martyrio, que es o mais penoso! Porque o não padecer o tormento, para quem deseja padecer, he sobre penoso martyrio o mais grave tormento.

Ioan. 19.

Estando o Divino Sol Christo Bem nosso nos ultimos horizontes da vida, visinho já ao occaso da morte, manifestou o grande desejo que tinha de padecer por nós mayores tormentos, não satisfeyto ainda o seu amor com o muyto que tinha padecido: *Sitio, idest, maiora tormenta.* E reparey eu em que dandolhe seus inimigos o tormento do fel, o não quizesse beber Christo: *Noluit bibere.* E como assim Senhor? Parece q não concorda muyto aquelle *sitio* com este *noluit*, atè aqui mostrais efficazes desejos de padecer mayores tormentos, & agora repudiaes hũa bebida que vos daõ por tormento vossos inimigos? Se desejais padecer mais por amor de nós, ahi tẽdes nesse fel o tormento, satisfazey com elle ao vosso desejo? Mas oh deyxay, diz Christo, por isso mesmo que eu desejo padecer mais, não hey de beber as amarguras desse fel, porque em não padecer esse tormento que desejo, venho eu a ter o mayor tormento; se eu bebera esse fel, ficava o meu desejo satisfeyto, & assim a sua amargura era para o meu gosto a mayor doçura, que doces são para o meu gosto os tormentos que padego por amor dos homens: *Dulces clavos*, mas para que essa doçura tão suave para o meu gosto, seja a amargura mais defabrida para o meu tormento, não hey de beber o tormento do fel, porque em não padecer este tormento venho a ter o mayor

tormento: *Sitio, idest, maior tormenta, noluit bibere.*

E que outra cousa foy para o Evangelista o martyrio da tina, senão o mesmo que foy para Christo o tormento do fel? Christo no fel tinha hum grande tormento, & com tudo não o padecio bebendo, só para que fosse mayor o seu martyrio; João estava entre os incendios da tina, mas suavizoulhe este martyrio para que fosse mayor o seu tormento; se o Evangelista sentira os effeytos do fogo, oh que suave era para João o seu martyrio, pois ficava satisfeyto o seu desejo; mas que tendo o Evangelista na tina o tormento, não padeça o tormento na tina, este não padecer foy o seu mayor martyrio; o verdugo de hũa Ave he aquelle que lhe tira as pennas, porque o tirarlhe as pennas, he o mesmo que accrescentarlhe as dores; & sendo isto assim, que tormento seria o de João Aguia soberana, suavizandolhe o martyrio da tina? Sem duvida o Amor Divino lhe fez mais custoso este martyrio em não cõsentir que o offendesse a violencia da chamma; porque mais teve que sentir o Evangelista em se lhe suavizar o martyrio, do que podia padecer em o atormentar o fogo.

E a razão he, porque atormentando-o o fogo perdia a vida, suavizandolhe o martyrio não sentia a morte; morrendo o Evangelista no fogo, dava alivio à sua saudade, logrando na Bemaventurança a suspirada vista de seu Mestre querido, & vivendo entre os incendios, ficava sentindo a ausencia do seu amante Jesus; & morte que alivia a saudade do Evangelista com o logro das vistas, não he morte; vida que occasiona a João o sentir hũa ausencia, não he vida; perder João a vida para lograr a companhia de Christo na Bemaventurança, não he morrer, he viver; mas viver João neste desterro ausente da vista de seu Mestre, não he viver, he morrer; porque essa mesma ausencia a que a duração da vida o condemna, he o mais deshumano verdugo da sua vida; que estar ausente não se distingue de estar morto, porque hũa ausencia sentida, he hũa morte lastimosa; assim o deu a entender o celebrado Jacob, na morte da sua querida Raquel.

Gen. 35.

Morre a fermosa Raquel, que este he o fim aonde vão parat todas as bellezas, & adverte o Texto, que na pedra da sua sepultura gravara Jacob este mysterioso titulo: *Hic est titulus monumenti Rachel usque in presentem diem*. Este he o epitafio da sepultura de Raquel até o dia presente; até o dia presente? Pois só até o dia de hoje ha de ser este o titulo da sepultura de Raquel? E à manhã não será tambem da sepultura de Raquel este titulo? Não, diz Jacob, ha de ser sómente até hoje; porque à manhã não ha de ser só Raquel a defunta, hão de ser dous os sepultados; à manhã hey de ausentarme deste lugar, em que está sepultada Raquel prenda unica do meu affecto: *Egressus inde fixit tabernaculum trans turrem gregis*. E como à manhã me hey de condenar a esta ausencia, retirañdome para outra parte, por isso já não ha de ser este sómente o letreiro do monumento de Raquel, mas ha de ser tambem o epitafio da sepultura de Jacob, porque à manhã hão de ser dous os mortos, Raquel defunta às mãos da sua morte, & Jacob sepultado aos rigores da sua ausencia; a morte abriu a sepultura a Raquel, mas a Jacob a ausência lhe occasionou a morte, & dispoz a sepultura; porque na ausencia que fez daquelle lugar encontrou a morte que lhe cortou os fios da vida; porque hũa ausencia he hũa morte muyto penosa: *Hic est titulus monumenti Rachel usque in presentem diem*.

Apud
exposit.
cōmun.
vide A.
lapid. &
Sylveyr.

Agora entendereis a razão, porque dizem muytos Padres, que o cōputo da vida de Christo se reduzira ao espaço de trinta & tres annos; & se bem reparardes neste mysterioso computo, achareis que viveo trinta & tres annos, & quarenta dias; os trinta & tres annos correrão do dia do seu Nascimento até a hora da sua morte; & os quarenta dias passarão do dia da sua Resurreyção gloriosa, até o dia de sua Ascensão admiravel; pois se Christo viveo trinta & tres annos, & quarenta dias, como dizem os Padres, que sómente vivera trinta & tres annos? E os quarenta dias aonde ficão? Direy, quarenta dias esteve Christo ho deserto apartado da companhia dos homens; & como Christo esteve ausente dos homens quarenta dias, por
isso

isso effes quarenta dias se não contão por dias de vida; contar-se-hão os annos, por annos de vida, porque erão annos de assistência com os homens: *Quotidie apud vos eram*. Mas os quarenta dias em que esteve no deserto não se hão de contar por dias de vida, porque erão dias de ausencia, & dias de ausencia não são dias de vida; que estar ausente, he o mesmo que estar morto, porque a ausencia he hũa morte muy penosa; & he este pensamento tão certo, que não só no racional, mas ainda no vegetativo se comprova com toda a evidencia.

No alegre, & agradável tempo da Primavera, em q̄ Flora toda empenhada na perfeção dos seus jardins, treslada toda a belleza dos astros, na gentileza das flores, equivocando-se tão to as flores com os astros, que o Ceo parece hum jardim de flores, & o jardim parece hum Ceo de estrellas; porque no prateado jasmim admiraes hum vivo retrato da Lua, na branca açucena a candida estrella de Venus; na encarnada rosa a rubicunda estrella de Marte; no dourado heliotropio a fermosura do Sol, a quem tanto imita, que atè das proprias folhas fórma raios com que illustra a republica das flores; & finalmente no amarello goyvo a palida estrella de Saturno; convidados pois da belleza de tantas flores, ou rendidos da gentileza de tão bellos astros, entraes em o risonho prado, ou em o vistoso jardim em que o Ceo copiou toda a lindesa, & namorados da suavidade da rosa colheis esta bella flor; & já a rosa, que no seu rosal dava alento à vida, fóra delle dà já despojos à morte, trocando em lastimosa mortalha toda essa pompa branca que veste, ou toda essa tela encarnada que traja; que atè hũa flor que não tem alma para sentir, sente como se tivera alma a ausencia do rosal que a creou, da raiz de que procedeo, & do jardim em que brotou; & se isto succede a hũa flor a quem faltão os sentidos para a pena, que seria em outra flor a quem sobravão os sentimentos para a magoa?

Flor foy o grande Evangelista, flor que no jardim da Igreja exhalou a fragrancia mais suave, flor que compendiou em si as excellentes propriedades de todas as flores; porque da flor

Zuleta
in epist.
Iacob. de
laudib.
Ioann.
D. Amb.
de Ioan.
Ioan. 21.
Eccles.
in Offic.
S. Ioan.

Angelica, sendo Anjo por graça, & por officio: *Joannes Angelus officio*, diz o Zuleta. Foy rosa, porque se esta tem a coroa entre as flores, o Evangelista teve a primazia entre os Anjos, & os Santos: *Joannes Angelis, & hominibus maior*, diz o mesmo Expositor. Foy amor perfeyto, porque foy perfeyto o seu amor: *Joannes plurimum diligens, ideo redamatus*, diz Santo Ambrosio. Foy girasol, que levado dos impulsos de hũa cordeal affeição, seguiu os passos do Sol Divino: *Vidit illum Discipulum, quem diligebat Jesus, sequentem*. Foy açucena como exemplar da mais singular pureza: *Quoniam specialis prerogativa castitatis ampliori dilectione fecerat dignũ*. Foy finalmente perpetua, porque no martyrio não acabou a vida, mas renasceo para a eternidade, dilatando como Fenix nos incendios o curso da vida: *Sicut Phenix multiplicabo dies meos*.

Esta flor pois tão suave para os agrados de Christo, & tão proficua para remedio do Mundo, sentio o golpe da ausencia do seu martyrio; pois desejando como Paulo acabar a vida naquelle tormento, para lograr a companhia de seu Divino Mestre na Bemaventurança: *Desiderium habens dissolvi, & esse cum Christo*, não teve complemento o seu desejo, porque o mesmo fogo que havia de ser instrumento da sua morte, foy o mayor alento da sua vida; & que não acabe eu a vida nestas chammias, diria o Evangelista, para que fique satisfeyto o meu desejo? Que deseje eu que este fogo me consumma todos os alentos para aliviar a minha saudade com a presença de meu Mestre querido, & que não chegue a morte a cortar os fios desta vida? Que padeça os tristes effeytos de hũa ausencia tão penosa, & que logte os privilegios da vida contra os rigores da morte? Oh vida que me alentas! Não es vida; porque em ti padeço hũa triste, & lastimosa morte, pois vivo ausente de meu Mestre; & assim morro porque não morro, padeço porque não padeço; estarey vivo para os sentimentos, mas estarey morto para os alivios; & porque assim sey unir a morte com a vida, sou mysterioso Fenix, pois nos mesmos incendios

aonde encontro a morte no desejo, multiplico os dias da minha vida na realidade: *In nidulo meo moriar, & sicut Phoenix multiplicabo dies meos.*

Tendes visto a João Fenix dos Martyres, equivocado nas circumstancias da morte com o Fenix dos mysterios, Christo no Sacramento, vede agora a mesma equivocação nas mysteriosas circumstancias da vida; naquelle Sacramento vive Christo na realidade, sem que padeça os tormentos da sua Payxão, *Humana*

que alli recopilou o seu amor: *Recolitur memoria passionis ejus*; de sorte, que sendo aquelle mysterio soberano hum abreviado compendio de todas as penas da Payxão, não as padece alli Christo, porque está impassivel naquelle Sacramento; assim vive Christo no Sacramento entre os tormentos da sua Payxão, sem que realmente os padeça; & assim conservou João a vida no seu martyrio entre os ardores das chammas, sem que o offendesse a violencia do fogo; estava João entre os incendios da tina, & tão longe esteve de sentir as lavaredas daquelle fogo, que ficou izento de toda a pena, entre os rigores do seu martyrio? *Illesus exivit*; mas como havia João de sentir os effeitos do fogo entre os incendios da tina, sendo João o Benjamin de Christo, & o querido Adonis de Jesus?

De hum insigne pintor se conta, que sabendo que o fogo estava ateado na sua escola, applicara todo o seu cuydado para que não perecesse entre os incendios daquelle fogo o retrato de Adonis, a quem estimava como emprego unico do seu estudo; & se este destro pintor assim se empenhou para que o debuxo do seu Adonis se não resolvesse em cinzas entre a violencia das chammas; como havia de permittir Christo que o Evangelista mimoso sentisse no seu martyrio os incendios do fogo, sendo João o seu Adonis mais querido, porque era de Christo o Discipulo mais amado? *Inter ceteros magis dilectus*. Se João era o Dilecto de Christo, porque não havia de conservar a vida izenta dos rigores da morte, entre os incendios da tina? Poderia acaso a morte cortar ao Evangelista Dilecto os fios da sua vida? Parece que não; porque nesse mesmo

predicado

predicado de Dilecto tinha o mais forte escudo para resistir aos golpes da morte; porque o ser Dilecto corre parelhas com o ser immortal; & tanto, que os Dilectos de Deos parece estão dispensados na ley da mortalidade, que he commũ a todos os descendentes de Adão; porque estão izentos de sentirê aquelle fatal golpe, com que a morte corta a todos os fios da vida; & só por especial decreto de Deos he que pagão com suas vidas o commum tributo da mortalidade.

Consummado nas virtudes, & cheyo de merecimentos, acabou a vida o Santo Moyfes na terra de Moab, & adverte o Texto, que Moyfes morrera; porque Deos assim o mandara:

Deuter.

34.

Mortuusque est ibi Moyfes servus Domini, in terra Moab, jubente Domino. Pois he necessario que concorra especial preceyto de Deos, para que a morte exercite a sua jurisdicção na vida de Moyfes? E Moyfes não he homem como os demais homens? Os outros homens não morrem sem que preceda especial preceyto de Deos? Como logo concorre especial preceyto de Deos para que Moyfes acabe a vida?

Eccles.

45.

Jubente Domino? Sabeis porque? Porque Moyfes era o Dilecto de Deos: *Dilectus Deo Moyfes*, & se para os outros homens acabarem a vida não he necessario que concorra especialmente o mandato de Deos, para hum Moyfes que he o seu Dilecto he preciso que preceda o Divino preceyto, para que pague com a sua vida o tributo de mortal; os outros homens sem mais preceyto que o commum estatuto acabão a vida como mortaes:

Paul. ad

Hebr; 9.

Statutum est hominibus semel mori; mas para os Dilectos de Deos he necessario que concorra especialmente o Divino Preceyto, para que fiquem fugeytos ao tyranno imperio da morte: *Mortuusque est ibi Moyfes, jubente Domino.* Que pelo singular privilegio de Dilectos de Deos ficão os homens tão izentos da jurisdicção da morte, que parece não tem esta cruel parca dominio algum nas suas vidas.

Como logo havia de acabar a vida o meu Evangelista no seu martyrio, sendo o Dilecto de Jesus: *Quem diligebat Jesus.* E sabeis porque? Porque o Evangelista como Dilecto

descançou

descançou no peyto de Christo, que he a fonte da vida: *Apud te est fons vitæ*; nesta deliciosa fonte teve o Evangelista hũa regeneração tão mysteriosa, que alcançou os privilegios de hũa vida divina, que he o mesmo que hũa vida immortal: ou vio douto Baeca: *Ipsum Dei Verbum recipiens in sinum suum Joannem Evangelistam, regeneravit illum in vitam Dei*. Como logo era possivel que chegasse a beber o amargo caliz da morte, hum Discipulo que chegou a gostar a immortalidade na mesma fonte da eterna vida? E não vos pareça que repugna a immortalidade em João como homem, por ser a immortalidade attributo proprio de Deos; porque se empenhou tão o Filho de Deos em sublimar o seu Dilecto, que lhe concedeo a sua mesma semelhança quando o teve em seu peyto: *Fecit que illum apparere quasi alterum Dei Filium*, diz o mesmo Baeca. E toda esta semelhança que João teve com Christo, consistio ao que parece em lograr o Evangelista por privilegio a mesma immortalidade que a Deos toca por natureza; & a razão he, porque o Evangelista no Peyto de Christo remontou se como soberana Agua: tanto nos voos, que là chegou ao Ceo Empyrio aonde examinou os rayos do Divino Sol, vendo intuitivamente ao mesmo Deos; como diz o Padre Maximiliano Sandeo: *Videri quibusdam Joannem Evangelistam Theologia intuitiva fuisse illustratum, cum super pectus Domini recubuit*, & Santo Agostinho sente o mesmo, *illum namque, diz o Santo Doutor, transcendisse nebulam, & pervenisse ad liquidum cælum, unde acie mentis acutissima, atque firmissima videret, in principio Verbum D. apud Deum*. E se João vio a Deos intuitivamente estando no Peyto de Christo, parece que lograva os privilegios da immortalidade; que a ser mortal nunca chegaria o Evangelista a lograr, ao que parece, a vista clara de Deos, porque he esta muyto incompativel com a mortalidade.

Andava Moyses apascentando o gado de seu sogro no monte Oreb, quando admira hum espantoso prodigio que era hũa mysteriosa garça, que sem se reduzir em cinzas, toda se abraza-

Baeca. t. 1
l. 3. c. 9.

Sandeo
l. 3. var.
Theol.
côm. 37.
de con-
cord. E.
vang. c. 2
tom. 4.

va em chamas: *Et videbat quod rubus arderet, & non combureretur.* Affombrado Moyfes desta visãõ, intenta mais de perto examinar o prodigio, & querendo avisinhar-se à çarça, lhe atalhou o seu designio o mesmo Deos que na çarça estava: *Ne appropries huc?* Oh Moyfes, lhe diz Deos, suspende os teus passos, que primeyro que chegues a esta çarça has de fazer hũa diligencia: *Solve calceamentum de pedibus tuis,* tira os sapatos dos pés, que só assim poderás examinar este prodigio que te admira, & diz Santo Isidoro com a Glossa, que o mandar Deos a Moyfes, que se descalçasse, foy o mesmo que dizerlhe, que depuisse, & tirasse de si o ser de homem mortal: *Solve calceamentum, ac si diceret, oportet te carnem mortalem deponere.* E como assim? Ha Moyfes de deyxar a mortalidade para poder contemplar a maravilha desta çarça: E com essa carne mortal em que vive, não poderá Moyfes chegar à çarça, & examinar esse prodigio que vê? Parece que não, porque Deos estava no meyo da çarça: *Apparuit ei Dominus de medio rubi.* Chegando Moyfes à çarça havia de ver a Deos que estava na mesma çarça; pois se Moyfes ha de ver a Deos que està na çarça, deponha, & deyxre a carne mortal antes que chegue à çarça; porque só despido da mortalidade poderá ver a Deos; porque com a vista de Deos he muyto incompativel a mortalidade: *Solve calceamentum de pedibus tuis, ac si diceret, oportet te carnem mortalem deponere.* E se tão incompativel he a mortalidade com a vista de Deos, que he preciso que Moyfes deyxre o ser de homem mortal para ver a Deos entre os incendios na çarça, como havia logo o Evangelista mimoso de ver a Deos na Bemaventurança, estando como Dilecto reclinado no Peyto de Christo, se pelo privilegio de Dilecto não logrou as prerogativas de immortal? Logo como Dilecto de Jesus teve o Evangelista hũa vida immortal, & consequentemente não podia acabar a vida no tormento da tina.

Quanto mais que assim como o Evangelista tinha as prerogativas de Amado, assim logrou tambem as excellencias de amante; era o mais querido de Christo, porque era o mais

amante

amante de Jesus: *A Christo*, diz o Zuleta, *magis dilectus, quia Christum magis dilexit*. E se o Evangelista foy o Discipulo mais amante de Christo, como havia de acabar a vida entre os incendios do fogo? Arder o coração do Evangelista em amorosos incendios, & ter ainda o fogo elemental jurisdicção na sua vida? He evidente contradicção; & manifesta repugnancia; porque he tão incompativel hum com outro fogo, que parece estão izentos de sentir os effeytos do fogo elemental, quem se abraza nos incendios do fogo do amor.

Hum mystéioso homem vio o mesmo Evangelista no seu Apocalypse, que tinha os pés em hũa ardente fornalha, sem q estes sentissem a menor lesão naquellas chammias: *Pedes ejus similes aurichalco, sicut in camino ardenti*. Pois tem este homem os pés metidos em hũa ardente fornalha sem que lhe faça o mais leve prejuizo aquelle fogo? Seria acaso porque não teria actividade a chamma para abraçar, & consumir aquelles pés? Não por certo, porque era fogo muyto intenso, era fogo de fornalha: *In camino ardenti*, pois logo como não sentem os pés deste homem os effeytos daquelle fogo tão intenso? Do mesmo Texto se colhe a razão; ardia no coração deste homem o fogo do amor divino, que isso significa aquella cinta de ouro com que apertava o peyto: *Præcinctum ad mammillas zona aurea, charitatem in corde estuantem significari*, diz o Zuleta; & como no coração deste homem estava ateado o fogo do amor divino, como ardia em seu peyto hũa chamma amorosa, claro está que não haviam os seus pés de sentir os ardores do fogo, & os effeytos das chammias; porque neste amoroso incendio que ardia em seu peyto tinha o melhor defensivo para resistir aos incendios da fornalha: *Pedes ejus similes aurichalco, sicut in camino ardenti*; porque está livre de sentir os effeytos do fogo elemental, quem se abraza nos incendios do fogo do amor.

He o amor hũa doença, ou hum mal de que enferma hum coração amante; là o declarou assim a Esposa quando insinuou a sua enfermidade entre as ternuras de amante: *Amor e languet*.

E he este mal, ou esta doença tão opposta aos ardores do fogo, que não pôde sentir os effeytos das chammas quem padece aquelle mal; assim o provou hum dos mayores Oradores que admirou Roma, em hum elegante arrezoado que fez defendendo a Pizon na morte de Germanico; conta Plinio, que morto Germanico queymarão com triste pompa seu corpo; & sendo todo o cadaver lastimoso pabulo das chammas, só o coração resistio aos incendios; admirados todos deste inopinado successo, levantãrãose contra Pizon os seus emulos arguindo-o de que dera veneno a Germanico; assim o comprovou Vitelio que fazia as partes dos contrarios, tomando por argumento para provar o delicto o não se queymar o coração; porèm o Orador que patrocinava a Pizon desvanecce toda a presumpção com mostrar, que todo aquelle que padecia o mal do coração não estava sujeyto à jurisdicão do fogo: *Negatur*, diz Plinio, *cor cremari posse in his, qui cordiaco morbo obierint*. E se aquelle que padece o mal do coração não pôde sentir os effeytos do fogo, como havia o Evangelista de rēder a vida entre os incendios da tina, padecendo como amante de Christo o mal do coração, que he o amor que existia em seu peyto? Logo como amante de Jesus não podia o Evangelista acabar a vida entre os incendios do seu martyrio, pois ardia o fogo do amor divino em seu coração: *Negatur cor cremari posse in his, qui cordiaco morbo obierint*.

Plinio
ubi sup.

D. Dionysio in
 epist. ad
 Ioan.

Finalmente conservou o Evangelista os alentos da vida entre os incendios da tina, porque era Sol, & juntamente Aguia; Sol do Evangelho chama a João S. Dionysio Areopagita: *Sol Evangelii*; & com razão, porque foy o Evangelista luminoso Sol, que illustrando a dilatada esfera da Christandade com as luzes da sua profunda sabedoria, desvanecce com os rayos da sua doutrina, que despedio nos raios da sua penna, as obscuras sombras de tantos Heresiarcas, que com falsas, & apparentes razões se oppunhão contra as verdades puras, & solidas da ley Evangelica; assim o mostrou a experiencia com tanta gloria do nome de Christo, nas primeyras luzes com que o Evange-

lista

lista Sol illustrou o Ceo da Igreja, descrevendo a geração eterna; porque com esta alta, & profunda noticia que nos deu de hũa geração tão incomprehenfivel, desvaneeo, & aniquilou a doutrina de Sabelio, que em Deos media as Pessoas pela natureza; desvaneeo, & destruhio a opinião de Miguel Hespanhol, que negava em Deos tres Pessoas, no mesmo tempo q̄ em Deos admittia tres Hypostases.

Belarm.
 & Bec.
 de Ha-
 ref.

Desvaneeo, & confundio a seyta de Selvio, que confessava tres Deoses nas tres Pessoas. Desvaneeo, & confundio o parecer dos Macedonios, que admittindo consubstancialidade em a mesma natureza do Pay, & do Filho, dizião que o Espirito Santo não era consubstancial com o Pay, pois tinha inferior natureza. Desvaneeo, & consumio a maldita sentença dos Arianos, & Lutheros; aonde se regeyta aquella identidade que tem o Filho com o Pay, & Espirito Santo. Desvaneeo finalmente, & aniquilou os dogmas dos Ebionitas, que negão a Christo existencia antes de Maria. Eis aqui como o Evangelista foy Sol, que desvaneeo com os rayos da sua doutrina as sombras das herefias. Foy tambem Sol, que com as luzes da sua sabedoria illustrou os doze Signos do Zodiaco Apostolico, que são os doze Apostolos; pois como lingua do Espirito Santo, que assim lhe chama S. Pedro Damião: *Lingua Spiritus Sancti*, os instruhio em a noticia dos mais altos mysterios, que ignoravão, não só os homens, mas ainda os mesmos Anjos, como diz S. João Chrysofotomo. Foy Sol que teve os tres estados, Oriente, Zenith, & Occaso; teve Oriente em Galilea aõ de nasceo de pays illustres pelo sangue, & muyto mais illustres pela santidade; teve Zenith no Cenaculo, aonde reclinado no Peyto de Christo, subio ao mais alto ponto, examinando o principio sem principio da geração eterna; teve Occaso no seu martyrio, aonde acabou como tenho ditto, às mãos do seu desejo, porque não morreo na realidade.

D. Pet.
 Dam.
 ser. 63.

D. Chry
 sost. pro-
 log. in
 Ioan.

Foy Sol, que com o calor do seu zelo, & com o fogo da sua palavra dissolveo a neve da nossa tibieza, introducindo em nossos corações o ardente fogo no amor de Deos; finalmente,

*Gasp. de
Mor. in
suo lapid.
lib. 2.*

foy o Evangelista Sol tão admiravel nos seus effeytos, que cõ a efficacia da luz da sua doutrina produzio na terra animada do homem as pedras de mayor preço; o topazio da continencia, a esmeralda da esperança, o carbunculo da concordia, o diamante da constancia, o jaspe da pureza, o amethisto da temperança, & o rubi da caridade; & sendo o Evangelista Sol, como havia de sentir no seu martyrio os golpes da morte entre os incendios do fogo; se hũa das propriedades do Sol he ser impassivel, como diz Hugo: *In Sole impassibilis.*

He verdade que Domiciano dispoz a João na tina o seu occaso, persuadindo-se que o Evangelista acabaria a vida entre os incendios daquelle fogo; mas enganouse Domiciano no q̃ imaginava, porque cego da colera, & arrebatado do furor não discursou que o Evangelista era Sol; & bem mostrou João o quanto tinha de Sol no occaso do seu martyrio; porque assim como o Sol material quando nos parece que se pulta todo o seu lusimento no occaso, então se ostenta mais luido no seu Oriente, como notou Santo Agostinho: *Sol occidit ut oriatur.*

*D. Aug.
in Psal.
103.*

Assim João no occaso do seu martyrio intendeo de tal sorte os seus resplandores, que bem declarava ser Oriente deste Sol, o mesmo occaso do seu tormento, porque sahio mais luido, & mais alentado dos incendios da tina, do que tinha entrado entre a violencia das chammas: *Purior, & vegetior exivenit, quam intraverit,* diz S. Jeronymo. E se he privilegio do Sol intender os seus rayos, quando nos parece que sepulta os seus resplandores, porque não havia o meu Evangelista de conservar os alentos da vida no seu martyrio, para assim intender como Sol as suas luzes, no mesmo tormento que a crueldade destinou para o seu occaso? Desta sorte logrou o Evangelista mimoso como Sol o privilegio de impassivel no seu martyrio; & não menos q̃ assim teve João como Aguia o mesmo privilegio.

*Alap. &
alii inc.
1. Exec.*

Era João Aguia, que este titulo communmente lhe dão os Santos Padres, & sagrados Expositores; era Aguia não só pelo remontado dos voos, mas porque com a perspicacia do seu entendimento chegou a examinar aquelle incomprehensivel

ser,

fer, que já mais pode comprehender o discurso humano; & quem não sabe que a Aguia he hũa ave, que não sómente não se offende com os ardores do Sol, mas nem ainda se assombra cõ o fogo do rayo; porque ainda que o Ceo vibre rayos, & a região do ar se desfaça em incendios, nem as violencias do rayo a fulminão, nem as intensões do Sol a molestão, como escrevem Pindaro, & Justo Lipsio; & tendo a Aguia esta innata propriedade, como havia o Evangelista sendo Aguia de sentir os ardores do fogo entre os incendios da tina, quando à Aguia não offende a abrazadora chamma do rayo? A Aguia vendo-se envelhecida, banha-se nos crystaes de hũa clara fonte; & neste mysterioso banho conserva a vida, & renova a idade: *Aquila*, diz S. Jeronymo, *se in fontem mergit, atque in juventutem reddit*. E que outra cousa foy para João, diz Tertuliano, o tormento da tina, mais que hũ mysterioso banho de azeyte, aõde João como Aguia renovou os alêtos da vida, se q̄ sentisse em seu corpo o mais leve ardor daquelle fogo: *Quod corruptio nẽ carnis non senserit, neque indolio ferventis olei calorem*.

Finalmente, a Aguia he hum expressivo emblema da resurreyção, & com especialidade a João compete o ser emblema da resurreyção, como Aguia, porque a esta Aguia sagrada, que era o quarto animal que vio Ezequiel, accomoda São Ambrosio o emblema da resurreyção; exprimindo o mysterio da Resurreyção de Christo nesta entendida Aguia: *Aquila est, quia Resurrectio*. A resurreyção, como todos sabeis, he hum glorioso triumpho que a nossa vida alcança do tyranno imperio da morte; pois se a resurreyção entendida na Aguia he hum glorioso triumpho que da morte alcança a vida, como não havia de triunfar do poder da morte a vida do Evangelista no seu martyrio, se como Aguia, em q̄ se symboliza a resurreyção, tinha a sua vida o seguro de alcançar dessa cruel parca o triumpho mais glorioso? Logo não só como Sol, mas ainda como Aguia, não havia o Evangelista de acabar a vida no seu martyrio entre os incendios daquelle fogo; & por isso entre as mesmas chãmas do seu martyrio, eternizou como Fenix a duração da sua vida: *In nidulo meo moriar, & sicut Phenix multiplicabo, &c.*

Vide
Valdec.
no tr. das
Aguas.

D. Hier.
apud
Pier.
Vab. l. 5.
hyerogl.
Tert. de
præscr.

Ezec. i.

D. Amb.
in proœ-
mio ad
Evang.
D. Luc.

do fogão & vigia de Christo.
 ler, que já mais pode compreender o discurso humano; &
 quem não sabe que a Agnia he a vida, que não somente não se
 estende com os ardores do Sol, mas nem ainda se allonha do
 o fogo do rayo; porque ainda que o Coe vire rayo, & a re-
 gão do ar se desfaça em incendias, nem as violencias do rayo a
 delimitão, nem as intencões do Sol a molestaõ, como crevem
 Pindaro, & Julio Tiglio, & tendo a Agnia esta mais proprie-
 dade, como he a Evangelista sendo Agnia de gentiõs arde-
 res do fogo entre os incendios da tina, quando a Agnia não o-
 fende a brazadora chamma do rayo: A Agnia sendo se co-
 velhecida, banta se nos cistões de hã clara fonte; & neste
 mysterioso banho conserva a vida, & renova idade: Agnia
 diz S. Jeronymo, se in fontem vertit, atque in juvenitatem
 redit. E que outra coisa he para João, he o Cristiano o tor-
 mento da tina, mais que he o mysterioso banho de azeyte, sendo
 João como Agnia renova os aletos da vida, he o lenitivo em
 seu corpo o mais leve ardor de aquelle fogo: Quia curatio-
 ne carnis non sentit in igne inebat, sicut enim est calor em.
 Finalmente, Agnia he hum expulsoivo completo da tina
 rayo, & com especificidade a João compete o ser completo
 da reitueçõ, como Agnia, porque a esta Agnia sagrada, que
 era o purisõ anima, que vio Exodius, accomoda São Am-
 broso o emblema da reitueçõ; exprimindo o mysterio da
 Reitueçõ de Christo nella entendida Agnia: Agnia est,
 quia Resurrectio. A reitueçõ, como todos sabem, he hum
 glorioso tanto que a nella vida se ença do tyranõ impio
 da morte; pois le a reitueçõ entendida na Agnia he hum
 glorioso tanto que da morte alcança a vida, como não he a
 de trinar de poder da morte a vida do Evangelista no seu
 martyrio, como Agnia em se lympeliza a reitueçõ, tinda
 a sua vida o leguo de alcançar della em tal parte o trunfo, mais
 glorioso; Logo não lo como Sol, mas ainda como Agnia, não
 heis o Evangelista de acceber a vida no seu martyrio entre os
 incendios daquelle fogo; & por isto entre os incensões chãmas
 do seu martyrio, temiz u em u Exodius a reitueçõ de sua vida;
 In nichilo esse moriar, sicut Phoenix multiplicabo se.

Folio
 Galp. de
 Mor. in
 sapientia
 lib. 2.

D. Hier.
 eod.
 P. Hier.
 Val. l. 1.
 Jacobi
 Pet. de
 P. Hier.
 Exod. 1.
 D. Amb.
 in pred.
 mio ad
 Evang.
 D. Lac.

Galp.
 Exod. 1.